



CLEÓPATRA E O SAGRADO FEMININOⁱ

Marcelo Bolshaw Gomesⁱⁱ

O presente texto investiga a história da lendária rainha do Egito através de suas principais adaptações para o cinema de ficção e de documentário. Com o objetivo de entender o personagem histórico e explicar o mito, o trabalho compara as versões com informações arqueológicas e históricas. Observa, ao final, que o mito de Cleópatra encanta tanto seus críticos que tentam encobrir e diminuir sua importância apresentando-a como uma mulher ambiciosa e sedutora, quanto seus admiradores, que não conseguem perceber seu comportamento vil, maquiavélico e dominador.

1. Introdução

Cleópatra Thea Filopator (Alexandria, 69 a.C. — 12 de agosto de 30 a.C.) foi a última rainha da dinastia de Ptolomeu, general de Alexandre da Macedônia que governou o Egito após sua morte. Cleópatra foi uma grande negociante, estrategista militar, falava seis idiomas e conhecia filosofia, literatura, astronomia e arte gregas, tendo sido instruída pela elite intelectual de sua época na biblioteca de Alexandria. Era também sacerdotisa chefe de seu próprio culto, 'filha e encarnação viva' da deusa lunar Isis. Era ainda a mulher mais rica do mundoⁱⁱⁱ de sua época, conhecida por sua estragância, luxo suntuoso e ostentação desmedidas.

Antes de morrer, Ptolomeu nomeou os seus filhos, Cleópatra e Ptolomeu XIII para reinar juntos como faraós do Egito. Seguindo a tradição da sua dinastia, Cleópatra casou com o irmão de apenas 15 anos de idade. Este, porém, aconselhado por seu séquito, trai a irmã e a exila, em 49 a.C., para governar sozinho. Logo depois, Pompeu é vencido por César na Batalha de Farsália, na Tessália, e pede asilo a Ptolomeu XIII que aceita recebê-lo. No entanto, o verdadeiro plano do rei era ordenar a morte de Pompeu, julgando que sua cabeça decapitada

agradaria a César. O romano, porém, ficou horrorizado com o ato bárbaro. Apesar de inimigos políticos, os romanos eram também amigos: Pompeu tinha casado com a filha de César, que morreu dando à luz um filho. César toma Alexandria e decide ficar no Egito para resolver o conflito entre Ptolomeu XIII e Cleópatra.

Segundo Plutarco, em sua biografia dos Césares, Cleópatra marcou um encontro com Júlio César, a fim de lhe dar um presente, que consistia num tapete. Ao ser desenrolado, a própria rainha estava em seu interior. Cleópatra tornou-se, então, sua amante, e retomou o seu poder sobre o Egito. Por ordem de César, Cleópatra passou a reinar conjuntamente com seu irmão Ptolemeu XIV, com quem se casou seguindo a tradição grego-egípcia.

Em Junho de 47 a.C. Cleópatra deu à luz Ptolomeu XV César, o "Pequeno César" (Cesarião). Embora César tenha reconhecido a paternidade da criança, a historiografia moderna coloca em causa esta paternidade. Júlio César, então, volta para Roma. O Egito manteve-se independente, mas sob a proteção de César que aí deixou três legiões romanas.

Um ano depois, a convite de César, Cleópatra vai para Roma, com o filho e Ptolomeu XIV, fixando residência nos jardins do Janículo, próximo a casa de César e de sua terceira esposa romana, Calpúrnia Pisão. Em sua honra, César ordenou que fosse colocada uma estátua de ouro de Cleópatra no templo da deusa Venus Genetrix, antepassada de sua família. A presença de Cleópatra em Roma gerou grande descontentamento popular e o medo de seu filho se tornar herdeiro de um novo império, englobando o Egito, principal potência econômica do oriente, e a então república romana, principal força militar do ocidente.

Tais medos e descontentamentos levaram ao assassinato de César e ao retorno de Cleópatra ao Egito. Em seguida, segundo Eusébio de Cesareia, Cleópatra assassinou seu irmão Ptolomeu XIV e passou a reinar sozinha. Seu filho passou a ser seu co-regente.

Em Roma, Marco Antônio e Otaviano, com apoio da população, entram em guerra contra Brutus e Cássio, para vingar a morte de Júlio César. Em 42 a.C., Marco Antônio convida Cleópatra para a encontrá-lo em Tarso para pedir tropas contra o exército de Cássio. Passaram juntos o inverno de 42 a 41 a.C. em Alexandria. E ela ficou grávida pela segunda vez, desta vez de gêmeos: Cleópatra Selene e Alexandre Hélio. Sabendo do novo golpe do baú, Otaviano convence Marco Antônio a se casar com sua irmã, Otaviana, assim que o tribuno volta à Roma, para consolidarem sua aliança. Porém, quatro anos depois, Marco Antônio volta novamente ao Egito e aos braços de sua rainha, passando a viver em Alexandria. Então, Cleópatra deu à luz outro filho, Ptolomeu Filadelfo. Otaviano declarou-lhes guerra em 31 a.C.. Após serem derrotados, ambos cometem suicídio, tendo a rainha Cleópatra, segundo os historiadores romanos, se deixado picar por uma serpente Naja, no ano 30 a.C.

Aliás, até bem pouco tempo, tudo que sabíamos sobre Cleópatra era o que foi escrito por seus inimigos romanos, que atrelaram sua história à sua sexualidade. É mais fácil admitir que ela encantava os homens pela sedução do que pela inteligência. Os escritos sobre a rainha mostram o olhar masculino sobre os sujeitos femininos, em que a agressividade, a iniciativa e o poder de decisão são sempre atributos masculinos, nunca atribuídos às mulheres, das quais espera-se submissão. E a imagem de Cleópatra como uma mulher devassa e pouco confiável, foi construída por homens que julgavam ser intolerável o papel ativo de uma mulher na política. É uma representação masculina depreciativa do poder feminino.

Novos estudos (SCHIFF, 2010; HUGHES-HALLETT, 2005) mostram que Cleópatra não era devassa, não morreu picada por uma cobra, era uma ótima estrategista... e estava longe de ser bela. Mas, já era tarde: após muitos séculos de difamação, a imagem de mulher promiscua e ardilosa da rainha do Egito já havia sido construída e consolidada no imaginário popular, gerando diversas formas de expressão.

2. A imortalidade pela arte

"Dá-me o vestido; coloca-me a coroa. Eu sinto em mim a sede da imortalidade",
SHAKESPEARE, William. **Antony and Cleópatra**. Ato V, Cena 2.

Desde o início do cinema, Cleópatra tem servido de tema para diversos filmes, nos quais seu drama tem sido contado e interpretado das mais diversas maneiras. o cinema foi apenas mais uma das formas de imortalizá-la.



Nas artes plásticas, o cenário da morte de Cleópatra inspirou diversos artistas: Reginald Arthur, Augustin Hirschvogel, Guido Cagnacci, Johann Liss, John William Waterhouse e Jean-André Rixens.

Na literatura dramática, encontram-se peças de teatro de Étienne Jodelle, de William Shakespeare, de Sá de Miranda e de George Bernard Shaw.

Na prosa literária, destacam-se os trabalhos de Théophile Gautier e de H. Rider Haggard^{iv}.

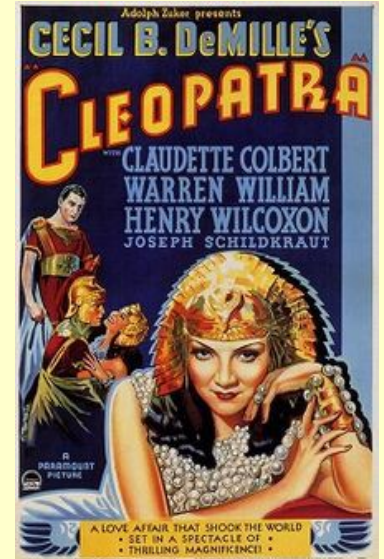
Há também vários romances contemporâneos (FALCONER, 2004; GEORGE, 2012) e milhares de interações do mito com outras narrativas midiáticas. A história em quadrinhos de *Asterix e Cleópatra*, por exemplo, de René Goscinny e Albert Uderzo, retrata a rainha como uma 'patricinha': vaidosa e sedutora, mas também caprichosa e inteligente.

Porém, a grande maioria das narrativas midiáticas enfatiza apenas o lado negativo: o esteriótipo da mulher poderosa e devoradora de homens.

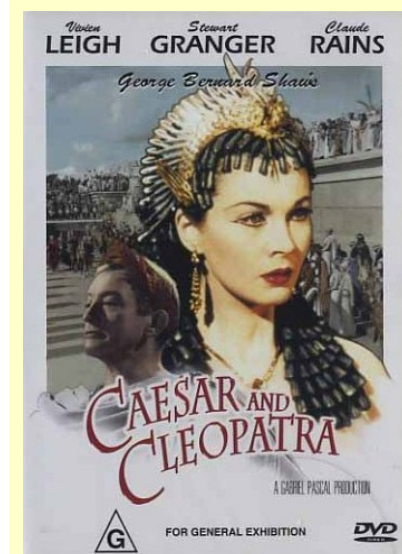
Desde o começo do cinema que Cleópatra tem servido como tema de filmes. O primeiro foi em 1899, dois minutos de Georges Méliès com a atriz francesa Jeanne d'Alcy no papel da rainha egípcia. Há também *Marcantonio e Cleópatra* (1913) de Enrico Guazzoni e *Cleópatra* (1917) de J. Gordon Edwards, com Theda Bara.

Um dos primeiros filmes do cinema falado a retratar a rainha foi [*Cleópatra* \(1934\)](#), dirigido e produzido por Cecil B. DeMille e protagonizado por Claudette Colbert.

Filme revolucionário em vários aspectos, principalmente pela forma inteligente que apresenta a personagem protagonista. Cleópatra é a riqueza do Egito, a quem o tribuno romano quer conquistar; por outro lado, Júlio César é o poder de Roma, a quem a rainha deseja seduzir. Os diálogos entre os dois não são entre homem e mulher, mas entre dois estadistas que não faziam nenhuma distinção entre suas vidas pessoais e seus objetivos políticos e militares.



Em compensação, o filme [*César e Cleópatra* \(1948\)](#) - dirigido por Gabriel Pascal e estrelado por Claude Rains e Vivien Leigh, adaptado a partir da peça homônima escrita por George Bernard Shaw em 1901 – é extremamente misógeno e machista. Nele, vemos uma Cleópatra fútil e infantil, que recebe ordens da ama escrava e se torna um mero brinquedo nas mãos de César, que a abandona grávida em Alexandria e volta para Roma.



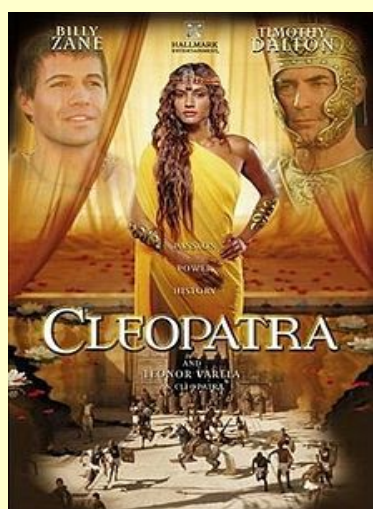
Essa versão não explica porque Júlio César não anexou imediatamente o Egito como província romana, colocando Cleópatra novamente no trono, fazendo-lhe todas as vontades contra os interesses da república romana.

O filme mais conhecido sobre a rainha do Egito é [*Cleópatra* \(1963\)](#) realizado por Joseph L. Mankiewicz, que foi protagonizado por Elizabeth Taylor, com Rex Harrison no papel de Júlio César e Richard Burton no personagem de Marco Antônio. Mais conhecido e também mais completo, caro^v e longo (192 min).

A narrativa retoma os diálogos políticos-pessoais entre os protagonistas, mas em uma oitava mais aguda: Cleópatra era uma deusa e César era considerado um deus por muitos romanos. E, muitas vezes, os diálogos de amor e poder entre eles assumem um caráter sagrado e tântrico, com ambos se considerando deuses e se apaixonando pela divindade do outro. Outro ponto interessante nessa versão é a hipótese do 'sonho de Alexandre' de formar um grande império helênico ter sido partilhado por Cleópatra, Júlio César e Marco Antonio. A ideia de que os três tinham o mesmo objetivo estratégico serve para justificar as escolhas pessoais da rainha e explicar o comportamento dos dois romanos, em relação à república romana.



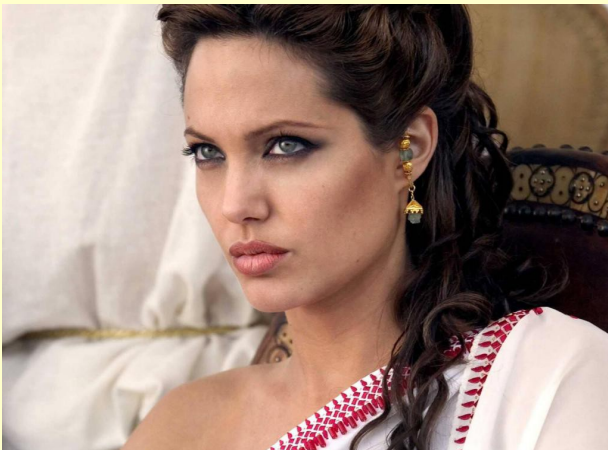
Porém, em sua defesa apaixonada da rainha do Egito, o filme falta com a verdade histórica pelos duas vezes: mostrando uma cena em que Cleópatra prioriza a alimentação de seu povo ao envio de mantimentos aos romanos (na verdade, houve revoltas populares durante seu reinado em virtude da fome e do envio de alimentos para Roma) e justificando sua retirada durante a batalha do Ácio. Na versão de 1963, Cleópatra abandona a batalha naval pensando que seu marido estava morto; na verdade, foi ela provocou a derrota, abandonando a batalha pela metade, sendo seguida por Marco Antonio que deixou para trás toda sua frota sem comando. Outro episódio polêmico é sobre a resposta que Cleópatra deu a Otaviano, quando este negociou a cabeça de Antônio em troca da autonomia do Egito. No cinema, a rainha recusa; porém as versões históricas, inclusive as mais recentes, acreditam que ela aceitou, mandando dizer ao romano que ela havia morrido, forçando-o ao suicídio.



Foi realizada uma versão da história da rainha para a televisão americana, [Cleópatra \(1999\)](#), com a personagem título interpretada pela atriz chilena Leonor Varela. Mais curto e ritmado que a versão de 1963, com mais cenas de ação e com enquadramentos e edição mais atuais, o filme resume a história da rainha, mantendo os mesmos elementos progressistas das versões anteriores: a inteligência e a erudição de Cleópatra, o diálogo de amor e poder entre a rainha e César, o 'sonho de Alexandre' como justificativa do triângulo amoroso. Nessa versão, não há cenas inverídicas em defesa da rainha, como em seu antecessor. O filme, no entanto, torna-se muito condensado, com poucas possibilidades de atuação dramática dos atores e de exploração subjetiva dos personagens.

Justamente o oposto do filme brasileiro *Cleópatra (2007)* do cineasta Júlio Bressane, em que a personagem-título é interpretada pela atriz Alessandra Negrini; Miguel Falabella faz Júlio Cezar; e Bruno Garcia, Marco Antonio.

O filme, feito em planos fechados em Copacabana no Rio de Janeiro, é um estudo psicológico dos personagens míticos, em que o imaginário de cada um é explorado subjetivamente, mais do que do diálogo entre eles. Cleópatra, por exemplo, no momento que antecede ao suicídio, reflete sobre o paradoxo de sua imortalidade de deusa e sua morte de rainha, concluindo que ela é a própria morte, que morre e não morre, a eterna devoradora. Trata-se de um filme de arte, às vezes um pouco monótono em relação às versões mais comerciais, mas interessante do ponto de vista dramático e psicológico.



E, finalmente, aguarda-se pelo filme *A Rainha do Nilo*, de Ang Lee, estrelado por Angelina Jolie, com roteiro de Eric Roth, previsto para 2013 e até agora sem previsão de lançamento. O filme se baseia na biografia de Stacy Schiff (2010) e promete integrar “os dois lados” da rainha do Egito, sem diminuí-la nem idolatrá-la. O trabalho de Schiff é uma

compilação jornalística do trabalho de pesquisa científica de vários arqueólogos e cientistas atuais, que fazem uma revisão dos acontecimentos narrados pelos historiadores romanos.

3. Documentários de TV

Mas, será que essa poderosa governante tinha de fato uma beleza sem igual do cinema? Era mesmo uma sedutora inescrupulosa como afirmam os romanos? Ela foi realmente mordida por uma cobra?

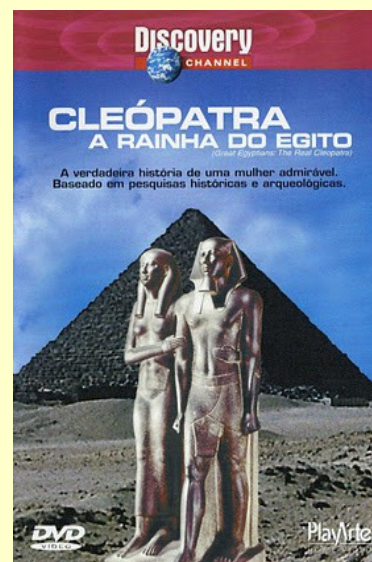
Os três documentários de TV que selecionamos tem como objetivo desvendar a verdade sobre o mito de Cleópatra, livrando-o de seu aspecto simbólico de mulher ardilosa e promíscua, através da pesquisa arqueológica e histórica. Os documentários seguem a mesma linha de raciocínio de Schiff, questionando a narrativa dos historiadores romanos que reduzem Cleópatra a uma mulher vil, sedutora e ambiciosa, entrevistando diretamente os pesquisadores responsáveis pelas novas descobertas sobre a vida da rainha.

- Arquivos Confidencial: A verdadeira Cleópatra (da National Geographic Channel) é baseado na entrevista de vários especialistas atuais: Mei Trow, escritor; Dr. Christofer Syneder, pesquisador de egiptologia da Marymount University; Dr. Debbie Challis, da University College London; professor Valerie Higgins da American University of Rome; entre outros. O documentário apresenta uma consistente contextualização histórica, política e econômica do Egito ptolomaico.
- Egito Revelado (da Discovery Channel) é um documentário que aborda principalmente o contexto histórico do período ptolomaico e da cultura mista greco-egípcia, rescountando arqueologicamente não apenas seus principais monumentos arquitetônicos, como o Farol e a Biblioteca de Alexandria, mas também seu ambiente cultural cosmopolita e seu papel de centro intelectual na Antiguidade.
- Cleópatra – a Rainha do Egito (também da Discovery Channel) é mais focado na biografia de Cleópatra, recontando sua história de vida da forma mais objetiva possível. Curiosamente, o distanciamento releva momentos dramáticos que escaparam a outras narrativas históricas ou ficcionais, como o momento em que a rainha vê sua irmã e inimiga acorrentada e exposta publicamente no desfile em tributo a César, representando a submissão do Egito à Roma; ou ainda quando, após dar a luz a gêmeos, foi abandonada por Marco Antonio, quando este se casou com a irmã de Otaviano, passando quatro anos fora do Egito.

Os documentários são baseados nos estudos mais recentes e apontam três temas principais em que as evidências históricas contradizem a lenda mítica construída pelos historiadores romanos: a beleza, a serpente e a mulher.

Ao que parece, Cleópatra não era bela como se imaginava. Não há retratos da rainha, mas algumas moedas da época a mostram com um queixo e um nariz proeminentes, características estas herdadas da família. Para compensar os traços fortes, ela era elegante e carismática como uma deusa. Raspava a cabeça e usava perucas. Ela era muito vaidosa. Fazia tratamentos de beleza e hidratava a pele com banhos de leite e óleo de rosas - invenção atribuída a ela. Cleópatra também gostava de se maquiar, tendo inventado técnicas de escurecer os olhos (SIMPSON, 2009). Para Plutarco e Cícero, além de sua aparência suntuosa e impactante, o grande charme da rainha vinha de seu gênio astuto, de sua personalidade alegre, de sua inteligência e erudição (BRADFORD, 2002). E não de sua beleza e/ou de seus atrativos sexuais como nos fizeram pensar as narrativas contemporâneas.

Outro aspecto inverídico do mito romano na lenda de Cleópatra é que ela foi morta por se deixar picar por uma serpente. Entretanto, uma pesquisa do historiador Christoph Schäfer, da Universidade de Trier, concluiu que ela tomou um veneno, um coquetel “de acônito, uma planta tóxica, cicuta e ópio” preparado por ela própria para se matar, depois de ter sido presa pelas tropas de Otaviano. A cobra, símbolo do poder dos faraós e de perigo sinuoso para os romanos, pode ter sido originada em seu enterro, em que a rainha aparecia deitada coberta em gesso pintado com um cetro de serpente em uma das mãos.



No afã de defender a rainha do Egito, no entanto, há afirmações improváveis entre os estudos recentes, como a que Cleópatra conheceu Júlio César virgem. É certo que a rainha estava longe de ser uma libertina. Ela era uma sacerdotisa especializada em venenos, conhecendo bem métodos abortivos e contraceptivos. É improvável que César tenha sido seu primeiro homem e Marco Antônio, com quem viveu 11 anos, o segundo e último – como afirma Stacy Schiff. Embora não haja registros confiáveis de outros envolvimento amorosos, a sexualidade de uma rainha-deusa é um assunto complexo, irredutível à polaridade moral entre virgindade e luxúria. Impossível considerá-la santa ou prostituta, pois essa distinção não existia no contexto da antiguidade egípcia. O importante, hoje, é perceber que, enquanto os romanos atribuíam todo poder de Cleópatra à sua sexualidade e não a sua inteligência; os estudiosos atuais pendem da direção contrária, esvaziando a relevância de sua capacidade de sedução e de sua destreza erótica.



5. Conclusão

Enquanto a psicologia estuda o mito do ponto de vista subjetivo e universal; a antropologia valoriza mais a estrutura que o conteúdo dos mitos, como se eles fossem mensagens fragmentadas do passado, que, com o passar do tempo, quase perderam o sentido original. Também existem analistas que insistem no aspecto ideológico dos mitos, que eles, na verdade, legitimam e mascaram as relações de poder: Para esses, São Jorge matando o dragão representa apenas o Império Romano dominando o deus dos druidas celtas. É claro que os mitos tem uma dimensão política, como também tem dimensões psicológica, astronômica, musical, culinária, matemática, entre outras. É preciso entender o mito em sua complexidade – o que é parcialmente feito pela antropologia.

Digo 'parcialmente' porque a antropologia investiga o mito em uma perspectiva temporal passado-presente; enquanto a comunicação social pensa o mito em um enquadramento aberto voltado para o futuro. Por outro lado, os mitos modernos produzidos pela mídia são 'parcialmente' artificiais. Os mitos midiáticos se alimentam do simbolismo tradicional e dos complexos psicológicos universais e são recanalizá-los para o mercado de consumo. A diferença entre o mito clássico e o mito moderno é que o primeiro aconteceu no passado e o mito atual acontece agora e caminha para o futuro.

Como a mídia sempre reinventa os mitos segundo o gosto do público da época, é compreensível que o cinema tenha tomado a defesa de Cleópatra e continue valorizando mais sua inteligência que sua sensualidade. Porém, não devemos esperar que o novo filme, A Rainha do Nilo, seja realista quanto à aparência do personagem (no caso, Angelina Jolie é um modelo de beleza distante de Cleópatra) ou a sua verdadeira sexualidade. Mesmo porque a compilação de Stacy Schiff também não é, com suas preocupações sobre castidade e fidelidade conjugal, completamente dissociadas do contexto da antiguidade, mas bem presentes nos valores atuais. Ao que parece o mito de Cleópatra encanta tanto seus críticos que tentam encobrir e diminuir sua importância apresentando-a como uma mulher ambiciosa e sedutora, quanto seus admiradores, que não conseguem perceber seu comportamento vil, maquiavélico e dominador.



Bibliografia

BRADFORD, Ernle. **Cleópatra**. Rio de Janeiro: Editora Prestígio, 2002.

FALCONER, Colin. **Quando éramos Deuses - A Vida de Cleópatra, a Mais Famosa Rainha do Egito**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

GEORGE, Margaret. **As Memórias de Cleópatra** 1, 2 e 3. "A Filha de Ísis" (1º volume), "Sob o Signo de Afrodite" (2º volume) e "O Beijo da Serpente" (3º volume). São Paulo: Geração Editorial, 2012.

HUGHES-HALLETT, Lucy. **Cleópatra - Histórias, Sonhos e Distorções**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

SCHIFF, Stacy. **Cleópatra: A Life**. [S.l.]: Little, Brown and Company, 2010.

SCHWENTZEL, Christian-georges **Cleópatra** - Coleção L&pm Pocket Encyclopaedia. São Paulo: L&PM, 2009.

SIMPSON, Margaret. **Cleópatra e Sua Víbora**. São Paulo: CIA das Letras, 2009.

SHAKESPEARE, William. **Antônio e Cleópatra** - Pocket / Bolso. São Paulo: L&PM, 2005.

Cleópatra AND THE SACRED FEM

Abstract:

This paper investigates the history of the legendary queen of Egypt through its main adaptations to the fiction cinema and documentary. In order to understand and explain the myth and historical character, the paper compares the versions with archaeological and historical information. Observe, up at the end, the Cleópatra myth delights both its critics, who try to cover up and reduce its historical importance presenting her as an ambitious and seductive woman, as his admirers, who can not realize their vile, machiavellian and domineering behavior.

Keywords: Cleopatra1; Cinema2; History 3; Myth 4;

Cleópatra Y EL SAGRADO FEMENINO

Resumen:

Este trabajo investiga la historia de la legendaria reina de Egipto a través de sus principales adaptaciones al cine de ficción y documental. Con el fin de comprender y explicar el mito y el carácter histórico, el artículo compara las versiones con información arqueológica e histórica. Notas al final, el mito de Cleópatra deleita tanto a sus críticos que tratan de encubrir y disminuye su importancia presentándolo como un ambicioso y seductor, como sus admiradores, que no pueden realizar su vil comportamiento, maquiavélico y dominante.

Palabras clave: Cleopatra1; Cinema2; Historia 3; Mito 4;

- i Para Gelli Cristina Ahimed Giordano.
- ii Doutor em Ciências Sociais, professor do Programa de PósGraduação em Estudos da Mídia (PPGEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
- iii Por ano, calcula-se, os rendimentos da rainha ultrapassavam 15 mil talentos de prata. (SCHWENTZEL, 2009, p.35). Em valores atuais, sua fortuna alcançaria 96 bilhões de dólares (quase o valor do orçamento de 2013 do governo brasileiro para investimentos).
- iv Informações extraídas da Wikipédia, verbete Cleópatra <pt.wikipedia.org/wiki/Cleópatra>
- v Cleópatra é considerado o segundo filme mais caro de todos os tempos - perdendo apenas para Avatar de James Cameron; planejado para custar 2 milhões de dólares em 1962, sua produção custou 44 milhões de dólares em valores da época. Segundo valores atualizados em 2005, o filme custou 286,4 milhões de dólares. Com o relativo fracasso comercial, quase levou à bancarrota a 20th Century Fox, produtora e financiadora do filme. (Fonte: Wikipédia)